



CINEMA PARADISO

Boletim n. 358

São Paulo, 16 de maio de 2014



Próxima Reunião: 18/05/2014 - Domingo às 16 h

GETÚLIO

Direção de João Jardim (*)

(*) João Jardim, nasceu no Rio de Janeiro, em 1964. Formou-se em jornalismo e estudou cinema na Universidade de Nova York. Iniciou sua carreira na TV, na produção das minisséries *Agosto* (1993), *Memorial de Maria Moura* (1994) e *Engraçadinha* (1995). Editou diferentes trabalhos de Walter Salles e Eduardo Escorel para a TV independente. Dirigiu vários episódios da série *Por Toda minha vida* (TV Globo, de 2006 a 2009). No cinema, firmou-se como documentarista realizando *Janela da Alma* (2002, co-diretor); *Pro Dia Nascer Feliz* (2006); *Lixo Extraordinário* (2010, co-diretor); *Amor?* (2011). *Getúlio* (2014) é seu primeiro filme de ficção. É casado com a cineasta Carla Camurati.

CINEMA DE CABELO DURO

Não é todo dia que chega ao Brasil um filme da Venezuela. Menos ainda um filme extraordinário como *Pelo malo*, premiado numa porção de festivais mundo afora, muito bem recebido na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo do ano passado.

Tudo gira em torno de um impasse aparentemente banal: contra a vontade da mãe, um menino de 9 anos, mulato, quer alisar o cabelo para parecer um cantor popular. A fásca produzida por esse atrito doméstico basta para a diretora e roteirista Mariana Rondón iluminar toda uma sociedade, uma época, um país.

Além de querer alisar seu “cabelo ruim”, o pequeno Junior (Samuel Lange Zambrano) gosta de cantar e dançar. Sua mãe (Samantha Castillo), jovem viúva que tenta recuperar o emprego de vigilante particular, vê em tudo indícios de que o filho é – ou está prestes a virar – um *maricón*. Entre as atitudes que ela toma na esperança de “torná-lo um macho” está a de fazer sexo com o amante diante dos olhos do menino.

O prodígio mais notável do filme é manter em seu centro a tensão da troca de olhares – perplexos, hostis – entre mãe e filho, ao mesmo tempo em que expõe um amplo e vívido painel histórico, social e cultural. Fundo e figura recebem a mesma atenção da câmera, sem que um desfoque ou obscureça o outro.

Caracas é aqui

A Caracas que pulsa na tela, com seu trânsito caótico, seus ônibus lotados, seus ambulantes, suas paredes descascadas e pichadas, seu lixo nas ruas, assemelha-se a qualquer metrópole brasileira. Aqui e ali, entretanto, sobretudo nas breves inserções de programas de TV e rádio, aparecem sinais inequívocos de tempo e lugar: o messianismo popular em torno de Hugo Chávez (então agonizante), a obsessão venezuelana com os concursos de miss.

Parece que *Pelo malo* foi acusado em seu país de ser “antichavista”, o que mostra que a estupidez não tem fronteiras. O alcance de sua crítica vai muito além de um governo e um regime específicos, atingindo uma configuração histórico-cultural comum a todo o continente, com seus preconceitos, estereótipos e hierarquias de gênero, etnia e classe social.

Miss ou soldado

Uma das passagens mais eloquentes, nesse sentido, é aquela em que Junior vai com uma amiguinha (Maria Emilia Sulbarán) ao



fotógrafo para fazerem a 3x4 da carteirinha de escola. O fotógrafo diz que, por uns bolívares a mais, ela pode ser fotografada com uma coroa de miss e ele com uma boina do exército. Não há outras opções.

Assim como equilibra sutileza e contundência na exposição de seus temas, a diretora consegue a proeza de não deixar que a gravidade do drama sufoque a leveza e o humor com que a narrativa é conduzida. A imaginação confusa e o espírito lúdico de Junior – em especial suas tentativas desastradas de alisar o indomável *pelo malo* – produzem momentos cômicos memoráveis, assim como suas conversas disparatadas com a amiguinha.

Numa cena marcante, as duas crianças estão no corredor externo de seu prédio e se divertem observando os moradores do edifício em frente, um daqueles monstruosos pardieiros com centenas de pequenos apartamentos. Ali eles veem, e vemos junto com eles, que entre as misses e os soldados, há uma gama vertiginosamente variada de existências humanas. O clima ao mesmo tempo triste e divertido dessa cena, espécie de versão terceiro-mundista de *Janela indiscreta*, impregna todo o belo filme de Mariana Rondón.

Zé Geraldo Couto

(texto gentilmente cedido pelo autor ao jornal Cinema Paradiso).

Disponível no blog do Instituto Moreira Salles:

<http://www.blogdoims.com.br/jose-geraldo-couto-no-cinema/>

DENTRO DO QUINTAL MÁGICO



O documentário **Sementes do Nosso Quintal**, de Fernanda Heinz Figueiredo, entrou em circuito comercial na semana passada, mas, os interessados devem correr pra assistir, porque não é filme pra grande público. Recomendo especialmente para educadores e/ou interessados em Educação. E o que chamo de educadores são pais, mães, vovôs, vovós, professores, diretores e todos os que, de alguma maneira, se relacionam com crianças.

Esse é um documentário fora do padrão, porque em nosso imaginário o documentário deve ser informativo. Mas poucas informações são dadas sobre a escola **Te-Arte**, cenário e assunto do filme, o que revela ousadia da cineasta estreante. A figura central é a educadora capixaba Thereza Pagani, conhecida como "Therezita" ou simplesmente "Tê". Hoje com 83 anos, ela fala para os pais e mães: "não terceirizem a educação dos seus filhos". Therezita pode parecer conservadora e passadista. E é, de certa forma, porque defende, com unhas e dentes, que a fase de zero a sete anos é o momento de estruturação emocional do ser humano. Não é saudável, por exemplo, que uma criança seja "depositada" numa instituição que exige padronização e mensuração de suas atividades. Sabendo que os pais têm que trabalhar fora, há um período do dia, portanto, em que ela tem que ir para escola. A **Te-Arte** coloca a criança em primeiro lugar, resguardando seu direito de brincar, de ficar à toa e seu direito de interagir com a ARTE. Especialmente a música está muito presente na escola. Música erudita e popular, assim como festejos populares, são celebrados com alegria. São emocionantes as cenas em que as crianças ouvem grupos musicais e aprendem a sentir a arte. Simplesmente sentir.

A opção de um documentário altamente subjetivo, apoiado no afeto transbordante dessa escola, vem, provavelmente, do fato de a diretora ter sido aluna da escola. Mais: o filme teve como base e inspiração o livro *De Volta ao Quintal Mágico*, da jornalista Dulcília Schroeder Buitoni, que também teve uma ligação afetiva com a escola, pois seus filhos (hoje grandes) estudaram na **Te-Arte**.

As imagens foram captadas durante 4 anos e MUITO editadas, até chegarem a esse formato disponível nas salas de cinema. O resultado foi um filme que coloca a brincadeira e a convivência em primeiro plano. Convivência saudável, com crianças de diferentes idades, sem compartimentação de turmas e, portanto, sem currículo pré-definido. A imprecisão de dados é estratégica: onde fica essa escola? quanto custa colocar os filhos lá? qual a formação acadêmica dessa diretora? que linha pedagógica eles seguem? Não interessa nada disso. Até porque não se trata de um filme-propaganda. Nada tem a ver com vídeos institucionais. Há uma cena longa de uma criança pequena descendo os degraus irregulares da casa-quintal onde a **Te-arte** acontece. As descobertas da infância (desde um pequeno inseto até vencer os obstáculos de uma escada) são respeitadas e valorizadas. Além da exploração do "quintal mágico", há discussões sobre atitudes e limites. A criança mentiu? A criança não quer desgarrar do colo da mãe na hora da chegada? A criança bateu no ganso? A criança não quer comer o peixe porque acha que tem espinhas? Therezita nos mostra como é preciso ter firmeza, *sin perder la ternura jamás*.

Não interessa a linha pedagógica seguida, porque nessa escola a criança terá seus direitos de infância preservados. O que o filme nos apresenta parece (e deveria ser) o óbvio ululante. Criança tem que brincar. Criança chora porque está angustiada com alguma coisa (muito justo!). A criança observa principalmente a atitude e sentimento dos pais, portanto, uma criança insegura revela a insegurança dos pais. Não é fácil ser pai e mãe, claro, mas Therezita os ajuda a compreender seu papel de educadores. Há alguns anos, eu conversava com Laís Bodanzky sobre educação infantil e ela me contou sobre a escola que suas filhas frequentavam. Ela me disse: "a Therezita, a diretora, educa os pais, ela explica o que eles devem oferecer de alimento para seus filhos". Fiquei com esse nome "Therezita" na cabeça e, quando tive a oportunidade de ver um trecho desse filme, entendi tudo.

Creio que outro motivo pelo qual não são dadas informações objetivas sobre a escola é porque não se quer divulgar simplesmente aquela experiência, mas, sim, aguçar nosso sentimento em relação às necessidades da criança. As principais conquistas de uma criança pequena acontecem num quintal, com pessoas sensatas e equilibradas cuidando delas (e não fazendo tudo por elas). Se, ao mesmo tempo, Therezita nos mostra a importância de uma criança conquistar sua autonomia, ela também diz que essa autonomia é relativa e que os adultos responsáveis por ela têm que estar por perto, têm que dar afeto, têm que acompanhar seu crescimento.

Que esse filme possa enriquecer as relações entre adultos e crianças em todos os âmbitos. Que escolas e famílias pelo mundo afora possam refletir e aprender com a experiência da **Te-Arte**.

Cláudia Mogadouro

COTAÇÃO 2014

<i>O Menino e o Mundo</i>	9,50
<i>Ela</i>	9,13
<i>A Grande Beleza</i>	8,93
<i>Pais e Filhos</i>	8,52
<i>12 Anos de Escravidão</i>	8,60
<i>Hoje eu quero voltar sozinho</i>	8,47
<i>Instinto Materno</i>	8,44
<i>Inside Llewin Davis - Balada de um homem comum</i>	7,76
<i>Ninfomaniaca</i>	7,40

Edição / Diagramação:

Cláudia Mogadouro / Janete Felix Palma / Marcos Paulino
E-mail: janetepalma@gmail.com

FUNDO FINANCEIRO DO GRUPO CINEMA PARADISO

A doação voluntária, para as despesas anuais pode ser feita em qualquer valor, mas pedimos que, ao depositar, nos avise no e-mail: estherstiel12@gmail.com A conta de poupança é:
Banco: Caixa (104), ag. 0239, op. 013, nº da conta 8247-5